

## CULTURA E MEDIA: UM ESTUDO DE CASO DAS NARRATIVAS DOS ACONTECIMENTOS CULTURAIS EM MINAS GERAIS

Rafael ANGRISANO<sup>49</sup>

Giani DAVID-SILVA<sup>50</sup>

**Resumo:** Para Queré (2005), o processo interpretativo que se coloca para a introspecção intelectual dos acontecimentos é condicionado em três aspectos: a descrição (individualização); a intriga (produzir uma narração do ocorrido, torná-lo dizível por intermédio de uma narrativa); e a normalização (delimitar, categorizar e inscrever o acontecimento no âmbito de dados fenômenos). Nesse artigo, analisamos um acontecimento da temática “Cultura” aleatório na agenda midiática de Minas Gerais. A partir de conceitos da Análise do Discurso e da Semiótica, percebemos aproximações e dicotomias entre as identidades midiáticas das narrativas dos principais telejornais mineiros.

**Palavras-chave:** Acontecimento. Narrativa. Televisão. Jornalismo.

**Abstract:** *For Queré (2005), the interpretive process that arises for the intellectual insight of events is conditioned on three aspects: the description (individualization); the intrigue (to produce a narration of what happened, make it speakable through a narrative); and standardization (to define, categorize and enter the event as part of phenomena data). In this paper, we have studied an event of the theme "Culture" at random in the media event planner of Minas Gerais. From concepts of the Discourse Analysis and the Semiotics, we have realized approaches and dichotomies between the media identities of the narratives of the main TV news broadcast of Minas Gerais.*

**Keywords:** *Event. Narrative. Television. Journalism.*

---

<sup>49</sup> Doutorando em Estudos de Linguagens. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens – CEFET-MG. Belo Horizonte. Minas Gerais. rafaelangrisano@yahoo.com.br

<sup>50</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG. . Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens – CEFET-MG. Belo Horizonte. Minas Gerais. gianids@gmail.com

## Introdução

O artigo foi dividido em três partes. Primeiramente problematizamos a noção de acontecimento e narrativa, em seguida expomos o referencial teórico-metodológico que escolhemos com base em estudiosos de narrativas verbais e visuais para analisar as reportagens de um acontecimento cultural aleatório, por fim, analisamos duas narrativas em formato de reportagens de um mesmo acontecimento de dois telejornais mineiros escolhidos por serem os de maior audiência, o *MG TV* e o *Jornal da Alterosa*, no que diz respeito à temática Cultura<sup>51</sup>.

## Acontecimento e narrativa

O acontecimento, no passado, era algo do âmbito da raridade, tinha algo de essencial, diferente de hoje, em que o mundo está imerso por infinitos eventos que se repetem nos *media*, fato esse que acabou por criar uma crise na concepção histórica do acontecimento, de acordo com Miranda (2005). “Num mundo tornado fantasmagórico, dominam aparições de todo o gênero, imagens e sons a que servimos momentaneamente de suporte, para depois se dispersarem numa cacofonia imensa, que se confunde com o ruído de fundo do universo.” (p. 113). O autor afirma que a partir da perda de poder dos grandes acontecimentos, passou a ser necessário buscar um norteamento sobre o que acontece aqui e agora. Para Miranda (2005), das filosofias do acontecimento atuais, a principal sem dúvida é a de Deleuze (2007):

No caso de Deleuze, o acontecimento dá-se sempre no plural, extraindo-se em cada caso do *devenir* o conceito vivo que o singulariza [...] Deleuze defende que todo o acontecimento tem uma estrutura dupla, a saber: primeiramente, o momento em que se manifesta, numa situação ou num corpo, fatal, pontuando a existência, desdobrando o passado e o presente – desde o ponto de vista daquele que o encarna – depois, a modalidade ontológica, o *eventum tantum*, absolutamente neutro e impessoal, que destrói toda a concretização. (MIRANDA, 2005, p. 114-115)

---

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://www.alterosa.com.br/app/belo-horizonte/noticia/jornalismo/ja---led/2013/10/16/noticia-ja-ledicao.97730/exposicao-mostra-a-arte-do-mineiro-gto.shtml>>. Acesso em: 10 mar. 2015. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/mgtv-1a-edicao/t/edicoes/v/exposicao-faz-homenagem-ao-centenario-de-nascimento-de-gerald-teles-de-oliveira/2892422/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

Pensando o acontecimento puro, em seu sentido ontológico, apoiando-se em Deleuze (2007), Miranda (2005) diz ainda: “o acontecer puro é da ordem da totalidade, da realização cósmica física, mas sem retirar daí todas as consequências.” (p. 116).

Quéré (2005) é outro pesquisador que estuda o acontecimento próximo da perspectiva de Deleuze (2007), atravessando também o pragmatismo norte-americano, as ideias de G. Mead e Hanna Arendt, citados em seu texto. Ele avalia as implicaturas dos acontecimentos nas perspectivas dos indivíduos. Compartilhando a visão de Deleuze, Quéré (2005) diz que aquilo que acontece é algo que causa uma descontinuidade no tempo, introduzindo o inédito, um evento que foge à nossa experiência.

Se o acontecimento se caracteriza pela sua descontinuidade e pelo novo que faz emergir, necessário se torna especificar a maneira como ele se relaciona, por um lado, com o que condiciona e, por outro, com as nossas atitudes temporais que são a atenção, a presença e a recordação. (QUÉRÉ, 2005, p. 63)

Eis o seu conceito de acontecimento: um fato ocorrido no mundo, com possibilidade de ser explicado, de caráter hermenêutico; potência que pede para ser compreendida, ao passo que também é um fenômeno de revelação, determina o fim de um tempo e o começo de outro. O autor enfatiza a dimensão estratégica da interpretação do acontecimento:

Fazemos tudo que está ao nosso alcance para reduzir as descontinuidades e para socializar as surpresas provocadas pelos acontecimentos. [...] certos acontecimentos são esperados ou previstos, e quando se produzem são o resultado daquilo que os precedeu. [...] reconstruímos, através do pensamento, as condições que permitiram ao acontecimento produzir-se com as particularidades que apresenta; restauramos a continuidade no momento em que a ruptura se manifestou, ligando a ocorrência do acontecimento a um passado de que ele é o ponto de chegada ou incluindo-o num contexto no qual ele se integra coerentemente e surge como, afinal, previsível. (QUÉRÉ, 2005, p. 61)

Um acontecimento é um evento que possui poder de afetação, que pode ser individual ou coletivo, isso porque ele reconstrói um passado, um contexto temporal, e cria novas possibilidades para o futuro, assim que é explicado. Passado hipotético como futuro. O “agora” seria um instante privilegiado: “momento singular a partir do qual se abrem possíveis. Esse *nunc* institui um corte na continuidade do tempo e confere um sentido ao antes e ao depois em que possíveis podem ser configurados.” (QUÉRÉ, 2005, p. 64).

Sempre identificamos o acontecimento como uma descrição. O momento de apreensão individual do acontecimento acaba por exceder o momento de sua ocorrência, na perspectiva da construção de uma lógica cronológica. Trata-se de um contexto em que Chronos (o tempo sucessivo) perde o sentido, permitindo o surgimento de Aion (um entre-tempo, não-tempo ou tempo morto, no qual a legislatura de Chronos deixou de reinar). “Tentamos explicá-lo pela trama causal que o provocou, dar-lhe um sentido em função de um contexto prévio que o torne compreensível, socializar a surpresa que ele constitui atribuindo-lhe valores de normalidade.” (QUÉRÉ, 2005, p. 66).

Acontecimentos estão na ordem do inesperado, afetam a continuidade da experiência, interrompem um sistema de expectativas. O acontecimento desvia-se, assim, da sua contemplação e passa por sua explicação causal. O acontecimento só o é porque acontece a alguém. Pode ser tamanha e especial a importância do acontecimento que ele pode se tornar referencial na trajetória de vida das pessoas. (QUÉRÉ, 2005).

O processo interpretativo que se coloca para a introspecção intelectual dos acontecimentos é condicionado em três aspectos: a descrição (individualização); a intriga (produzir uma narração do ocorrido, torná-lo dizível por intermédio de uma narrativa); e a normalização (delimitar, categorizar e inscrever o acontecimento no âmbito de dados fenômenos).

Nem todo acontecimento torna-se acontecimento midiático. Em meio a uma sucessão de eventos aleatórios e ordinários, vale ressaltar que o poder de transformação de um acontecimento é mais importante quando é adverso ou inesperado. Os *media* se aproveitam da ruptura dos quadros de normalidade social e funcionam como operadores de publicitação ou construção de acontecimentos e notícias. O acontecimento bruto se difere do acontecimento midiático porque esse último sempre surge como uma construção; é muitas vezes totalmente construído, é a descrição e intriga, um discurso de determinado evento do mundo por meio de uma determinada perspectiva midiática.

Os jornais são, nesse sentido, criadores sociossimbólicos; despertam conhecimentos, reverberações de dados acontecimentos. Os *media* fragmentam seu discurso em um presente da atualidade. Através do blefe da narrativa, a notícia é esculpida a partir do acontecimento, sendo que esse só significa como acontecimento em um discurso (CHARAUDEAU, 2007). “[...] o processo narrativo o insere numa interrogação sobre a origem e o *devenir*, conferindo-lhe uma aparência ilusória de espessura temporal.” (p. 135).

Aqui, Charaudeau (2007) destoa um pouco sua visão de acontecimento em relação a Quéré (2005), pois o primeiro considera que o acontecimento só “existe” quando se torna discurso, enquanto que o segundo dá importância ao caráter hermenêutico e ao poder de afetação do acontecimento.

Assim, diferenciamos a noção de acontecimento como fenômeno do mundo, potência que pede para ser interpretada, causador de descontinuidades e rupturas na experiência, aquele que ganha significados próprios a partir de determinada apropriação humana, e a noção de acontecimento midiático, aquele que se dá a *posteriori*, construção que possui seu significado como discurso. Ou seja, o acontecimento também pode ser construído, planejado e tematizado, de acordo com várias editoriais. Desse modo, a noção de acontecimento será um operador analítico desta dissertação. Para Mouillaud (2002):

O jornal é apenas um operador entre um conjunto de operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último: porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejam-no a partir de seu próprio campo mental e recolocam-no em circulação no ambiente cultural. Se, na origem, o acontecimento não existe como um dado de fato, também não tem solução final. A informação não é o transporte de um fato, é um ciclo ininterrupto de transformações. [...] A hipótese que sustentamos é a de que o acontecimento é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informação, o conceito do fato. (p. 51)

Um acontecimento como sombra projetada do fato, como afirma Mouillaud (2002), pode gerar novos fatos a partir do sistema de significação midiático, uma cadeia metonímica que produz novos sentidos e novos discursos. Uma multiplicidade de narrativas se junta para narrar a cena, envolvendo sua materialidade e seu nível mediador.

Existem pontos rítmicos nos quais os fatos são visados. Essa noção de agendamento pode ser observada na fala de Antunes e Vaz (2006):

O agendamento implica não apenas dar uma visibilidade (hierarquizada) a determinados acontecimentos, mas ampliar uma certa visibilidade e conferir um reconhecimento público a determinadas práticas. A “agenda midiática” é sobretudo uma arena na qual se digladiam diferentes falas presentes no tecido social. Obviamente, tais falas podem ganhar visibilidade de diferentes maneiras, desde a “tirania do acontecimento” que modula hegemonicamente o discurso, até o reconhecimento público da legitimidade de diferentes práticas sociais. É certo, nessa perspectiva, que a realidade social é hoje hegemonicamente “agendada” (p. 49)

A necessidade de se fixar a atualidade em um presente na enunciação faz com que a temporalidade social seja marcada pelo ritmo da notícia e pela periodicidade imposta pelos *media*. Isso nos faz crer que os acontecimentos midiáticos são construídos e representados por narrativas, transformando-se em uma espécie de agenda social que obedece um determinado presente. Os *media* acabam por funcionar como uma agenda coletiva. O que muitos ignoram, é o fato de os *media* não serem uma instância exclusiva da sociedade. Essa agenda acaba por se articular em uma relação direta entre espaço público e processos midiáticos. Não se trata de uma doutrinação que manipula, em que alguns atuam sobre nossas consciências, como na hipótese da agenda *setting*.

Selecionar determinados assuntos na pauta midiática ocasiona necessariamente uma operação de exclusão. O foco dado ao que deve ser iluminado e que rompe com outros eixos de ocorrências e interesses sociais merece uma reflexão. Os meios produzem informações selecionadas por eles mesmos e essas informações causam a necessidade de produção de mais informações. Essa “pauta midiática” obedece a uma lógica de tematização, na qual incluem também os acontecimentos midiáticos que envolvem eventos artísticos e culturais, aqueles que nos interessam para esse artigo. No próximo tópico iremos propor algumas categorias metodológicas para desvelarmos um acontecimento cultural e as narrativas dos telejornais mineiros sobre o mesmo.

### **Uma proposta de análise das narrativas televisuais**

Feita a reflexão sobre o acontecimento, para estudarmos as narrativas televisuais, optamos por utilizar como norteamento teórico a Teoria Semiolinguística em conjunto com algumas teorias da imagem. O objetivo foi observar como os as identidades midiáticas das narrativas e as visadas do contrato de informação midiática propostas por Charaudeau (2007) (captação e informação) se articulam nas narrativas dos acontecimentos de temática cultural de *Jornal da Alterosa* e *MG TV*. O perfil desta metodologia analítica de narrativas televisuais se embasa em três dimensões (visual, verbal e a relação entre as duas), pormenorizadas em algumas categorias que serão descritas a seguir.

## Descrição dos operadores verbais de análise

### *Narrativa verbal – narrativo*

O modo de organização narrativo se divide entre a lógica narrativa e a encenação narrativa. A lógica narrativa é aquela que se liga para o mundo referencial, uma análise da “história” que é narrada e do modo em que ela é representada, enquanto a encenação narrativa constrói o universo relatado sob a centralidade de um sujeito comunicante dentro de um contrato situacional. “[...] a construção lógico-narrativa só se constrói hipoteticamente, a partir do processo de narração”. (CHARAUDEAU, 2008, p. 158). Nesse trabalho, estivemos preocupados com a lógica narrativa, sobretudo a questão dos *actantes* e as formas como eles são qualificados e com os processos, as unidades de ação semantizadas.

### *Narrativa verbal – descritivo*

O modo descritivo é utilizado para mostrar o mundo. Identificar, localizar-situar e qualificar os seres do mundo de maneiras objetivas ou subjetivas, de forma a nos passar uma impressão desses seres como se vislumbrássemos o mundo com um olhar parado. “Do ponto de vista do sujeito falante, Descrever corresponde a uma atividade de linguagem que, embora se oponha às duas outras atividades – Contar e Argumentar – combina-se com elas” (CHARAUDEAU, 2008, p. 111). Dessa forma, o descritivo dá sentido ao narrativo. Charaudeau (2008) divide o modo de organização descritivo em construção e encenação descritiva. Iremos nos ater nesse espaço à construção descritiva, que possui três componentes, inseparáveis e ao mesmo tempo autônomos: nomear, localizar-situar e qualificar. Esse operador de análise serviu para detectar nas narrativas dos telejornais mineiros as maneiras de “identificação, localização e qualificação” contidas no texto das reportagens.

### *Uso estratégico da heterogeneidade discursiva*

Para a compreensão do nosso objeto, consideramos relevante observar as formas como a heterogeneidade é marcada no discurso dos programas. Os discursos sendo unidades linguísticas dialógicas nos faz tomar todos os atos de linguagem como heterogêneos (todo discurso é atravessado pelo outro). Aqui, aplicaremos de um modo mais sintético, os estudos de heterogeneidade descritos por Maingueneau (1997) para explicitar nas reportagens essas marcas de outras vozes, atentando-nos apenas aos discursos diretos e indiretos, na tentativa de

responder a questão: as escolhas das vozes e a forma como são inseridas (de modo direto ou indireto) nas narrativas possuem quais intencionalidades? Como os discursos relatados e dispostos de formas pensadas constroem um tipo de *ethos* das reportagens?

### **Descrição dos operadores imagéticos de análise**

#### *Indicialidade*

De acordo com Verón (2001), a ordem do indicial utiliza de operações metonímicas, no intuito de se confundir com a realidade social. A ordem dos fenômenos do índice é a escritura em voga pela qual os *media* priorizam suas representações. O índice implica sempre em um vínculo existencial para se expressar; é a ordem dos fenômenos metonímicos, em que predominam as relações. Os efeitos de presença, metonímia e simbolismo estão em todas as imagens, assim como existem iconicidade e indicialidade na linguagem verbal. Assim, os efeitos de dentro-fora, aqui-ali, frente-atrás; são efeitos indiciais. Corpo, espaço e objetos funcionam nessa dimensão do contato (VERÓN, 2001). Estamos interessados em perceber como ocorre essa construção do lugar do contato no espaço do telejornal. Como se dá a construção do corpo do repórter na tela? E a construção do corpo dos atores sociais? Como se dão os apontamentos imagéticos?

#### *Narrativa visual – descritivo*

O modo de organização descritivo, já exposto acima<sup>52</sup>, costuma se combinar com os procedimentos de narrar e argumentar, “identificando” e “qualificando” ações e seres. Usamos as noções metodológicas da Semiologia para pensar a descrição por intermédio de imagens. No caso dos telejornais, identificamos algo visualmente pela sua apresentação. Já a qualificação por meio da imagem pode ser uma focalização temática ou a escolha de um ponto de vista, por exemplo.

---

<sup>52</sup> Ver o modo de organização descritivo nas categorias de análises da dimensão verbal.



### Narrativa visual – narrativo

Estendemos um olhar para as formas de narrativa imagética, buscando valores icônicos, indiciais ou simbólicos nas imagens das sequências, pensando seu encaixe na lógica narrativa, no sentido da semiótica peirceana. Jost (1999) aponta três tipos de imagens televisuais, baseado nas noções peirceanas: a imagem testemunho, que possui traços com o fato (indicial); a imagem arquivo (icônico), que representa o fato a partir de esquemas abstratos e funções analógicas; e a imagem símbolo, que tem valor metafórico e de comentário (símbolo).

### Descrição dos operadores de análise – relação imagem-texto

#### *Ancoragem*

Tomamos aqui o pensamento de Barthes (1990) no texto *A retórica da imagem*. Para o autor, uma das funções da imagem, em relação conjuntiva com o texto, é denotativa, de ancoragem. Foi feita análise dos sentidos das imagens e seus alicerces com os sentidos construídos na narrativa verbal e, dessa forma, esforçamo-nos para identificar nas reportagens as condições em que as imagens se ancoram ao texto e tentam justificá-lo, a partir de um valor dêitico. Segundo Barthes (1990), os sentidos oriundos entre imagem e texto se baseiam na “ancoragem”, processo que tenta fazer a língua fixar os sentidos dispersos pelo icônico, direcionando o significado com uma espécie de descrição denotada da linguagem.

#### *Relais*

Ainda utilizando as ideias de Barthes (1990) para pensar os sentidos e narrativas na junção entre imagem e texto, temos a função de *relais*, função de complementaridade da imagem sobre o texto. É o caso em que a imagem deixa de ter valor meramente denotativo de explicação do texto e escapa para o terreno da conotação. Examinamos na construção das reportagens os momentos em que as imagens são editadas para complementar o sentido do texto de forma icônica, os sentidos secundários das imagens.

### Efeitos

– o de “realidade”, que se realiza por meio do recurso da imagem, quando se presume que o que está sendo transmitido é uma cópia fiel do mundo. Nesse caso, o intuito é transmitir uma visão objetiva e tangível do mundo.

– o de “ficção”, que ocorre quando o produtor usa da reconstituição de acontecimentos (narrativas dos fatos).

– o “patêmico”, que tem por intuito causar catarse no receptor por meio do discurso. (CHARAUDEAU, 2007).

Em nossas análises, tentamos perceber o jogo que a narrativa visual e verbal do *MG TV* e do *Jornal da Alterosa* realizou para marcar esses efeitos.

### O acontecimento

*Sinopse do acontecimento:* anúncio e cobertura de um dia da exposição de comemoração dos cem anos do artista mineiro Geraldo Teles de Oliveira, ocorrida no Centro de Arte Popular da Cemig, entre outubro e dezembro de 2013.

#### *Reportagem – Cultura MG TV*

Data: 16-10-2013

Tempo: 00:37

#### *Transcrição*

*Apresentador em off: Trinta peças do artista estão no Centro de arte popular da Cemig e pertencem ao Circuito Cultural Praça da Liberdade.*



FIGURA 1 –Cultura *MG TV* – Frame 1 Fonte: *MG TV*, 2013.

*Nascido em Itapecirica e criado em Divinópolis, Geraldo Teles de Oliveira começou a esculpir aos 55 anos de idade.*



FIGURA 2 – Cultura *MG TV* – Frame 2  
Fonte: *MG TV*, 2013.



FIGURA 3 – Cultura *MG TV* – Frame 3  
Fonte: *MG TV*, 2013.

*Autodidata, ficou famoso por trabalhar com uma única peça de madeira na confecção de cada obra.*

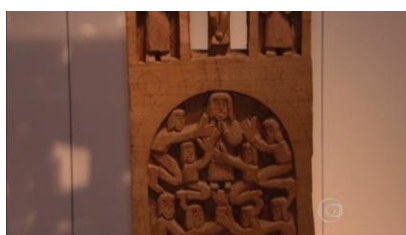


FIGURA 4 – Cultura *MG TV* – Frame 4  
Fonte: *MG TV*, 2013.



FIGURA 5 – Cultura *MG TV* – Frame 5  
Fonte: *MG TV*, 2013.

*Sem cortes, sem remendos, ele retratou figuras religiosas, festas e costumes mineiros.*

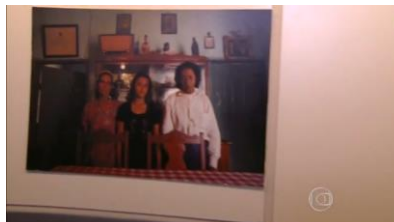


FIGURA 6 – Cultura *MG TV* – Frame 6  
Fonte: *MG TV*, 2013.



FIGURA 7 – Cultura *MG TV* – Frame 7  
Fonte: *MG TV*, 2013.

*GTO morreu em*



*1990.*

FIGURA 8 – Cultura *MG TV* – Frame 8  
Fonte: *MG TV*, 2013.

*Na exposição, há também uma obra rara esculpida em pedra sabão.*



FIGURA 9 – Cultura *MG TV* – Frame 9.  
Fonte: *MG TV*, 2013.

### **Análise**

Essa reportagem do *MG TV* possui um perfil peculiar. Assemelha-se a uma nota coberta e tem a duração de trinta e sete segundos. Não há a presença de um repórter, há simplesmente uma voz em *off* do apresentador, seguida de uma sucessão de imagens da exposição que é retratada. O que transforma a matéria em reportagem é o fato de possuir uma cabeça e uma nota-pé, além do relato ser gravado. O vídeo é composto pela fala em terceira pessoa e em *off* do apresentador Arthur Almeida e uma sucessão de imagens, em que aparecem registros das obras e algumas fotos do artista. O fluxo de imagens é rápido, o que dificultou o registro de todos os quadros e também uma análise mais objetiva da relação de ancoragem e complementaridade entre imagem e texto. Optamos por selecionar os *frames* que consideramos chave. Temos uma música de fundo e a voz do apresentador em *off*. O início da reportagem situa o telespectador a respeito do local no qual acontece a exposição: “*Centro de arte popular da Cemig*”. A quantidade de peças que estão expostas também é destacada (trinta). Durante a fala, o testemunho e o efeito de realidade dominam. É mostrado o salão de exposições e são focalizadas imagens em profundidade de algumas das peças.

Logo em seguida, temos a apresentação do artista homenageado, o GTO. É apresentado o local de seu nascimento (Itapecirica) e criação (Divinópolis), além da idade em que o artista começou a se dedicar a suas obras (55 anos). A primeira imagem que se ancora com a segunda fala mostra uma fotografia de GTO esculpindo alguma obra, carrega o imaginário do artista dedicado. Percebe-se um efeito de ficção; enquanto se conta sobre o artista, a memória é ilustrada pelo seu retrato. A segunda imagem remete a uma obra do

artista, um complemento do que está sendo falado pelo apresentador, a materialização do trabalho de GTO. Nessa sequência, temos GTO como o actante principal e o seu nascimento, e o início de trabalho como unidade de ação. Na outra sequência, GTO é qualificado como “autodidata” e “famoso” pelo trabalho, utilizando uma única peça de madeira em cada escultura. Obras aleatórias são filmadas (efeitos de realidade bem explícitos) durante o relato, sendo a primeira focalizada em um plano mais aproximado (remete à única peça de madeira utilizada em cada escultura). Na segunda imagem, é mostrado um conjunto de obras do artista em um plano afastado. Novamente, o actante é o GTO “autodidata” (agente do processo), e a unidade de ação é o seu sucesso por trabalhar com uma única peça de madeira em cada trabalho.

Prosseguindo a fala, Arthur Almeida agora dá ênfase à forma como GTO esculpia (sem cortes e sem remendos) e à sua maneira artística, sobre o que se tratavam suas obras (a religiosidade e a cultura mineira, festas e costumes). Duas imagens-chave mostram mais algumas esculturas do artista em mais um jogo entre os efeitos de realidade e ficção. A velocidade e o distanciamento em que se dão as tomadas dificulta uma visão mais aprofundada do que se trata as obras, quais costumes mineiros elas estão retratando. Nessa medida, elas complementam de modo ilustrativo o que é falado. O actante é GTO “ele” e a unidade de ação é a forma como eram retratadas as figuras de sua obra.

Na penúltima sequência é informado o ano da morte de GTO (1990), ao mesmo tempo em que um retrato de GTO, que parece estar com alguns de seus familiares, é filmado. Aqui, temos uma ancoragem da menção verbal do artista e sua rerepresentação imagética. O retrato mostra GTO em uma casa que lembra muito uma moradia do interior de Minas Gerais, contando uma nova história, uma imagem que traz um efeito de ficção e o imaginário da família. A menção de sua morte e a focalização do retrato traz à tona também um efeito patêmico. GTO se mantém como o *actante* nas sequências finais e o processo identificado é a sua morte. A matéria se encerra com o foco em uma obra peculiar do artista, esculpida em pedra sabão, ao mesmo tempo em que ela é filmada em um plano mais aproximado (nessa cena final há efeito de realidade e indicialidade).

**Reportagem – Cultura Jornal da Alterosa**

Data: 16-10-2013

Tempo: 01:39

Transcrição

– Repórter em off: *Na madeira bruta, um sonho entalhado.*



FIGURA 10 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 1  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

FIGURA 11 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 2  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.



FIGURA 12 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 3.

*Homens esculpidos com ferramentas simples, revelando a arte despretensiosa que retrata o trabalho, as relações sociais e a fé.*



FIGURA 13 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 4  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

FIGURA 14 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 5  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.



FIGURA 15 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 6  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

*Tudo feito pelas mãos humildes e precisas de Geraldo Teles de Oliveira, o GTO.*



FIGURA 16 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 7  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

FIGURA 17 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 8  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

– *Passagem da repórter: O escultor de Divinópolis ficou famoso na década de 1970, com as peças rústicas, tão elaboradas, sempre esculpidas frente e verso. Do quintal de casa onde tudo isso foi criado, as obras ganharam o mundo e muito reconhecimento.*



FIGURA 18 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 9

Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

*Essa obra, por exemplo, hoje é avaliada em cem mil reais.*



FIGURA 19 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 10  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

– *Visitante 1: Ele coloca índios, negros, brancos, reis e danças e lutas e etc., portanto, uma identidade cultural muito grande e ao mesmo tempo uma universalidade muito grande.*



FIGURA 20 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 11  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

FIGURA 21 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 12  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

- *Repórter em off: No Centro de Arte Popular da Cemig, trinta peças do artista que aprendeu a esculpir sozinho, estão expostas. A reunião das obras é para celebrar os cem anos que Geraldo, nascido em 1913 e morto em 1990, completaria em 2013.*



FIGURA 22 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 13  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

FIGURA 23 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 14  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.



FIGURA 24 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 15  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

FIGURA 25 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 16  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.



FIGURA 26 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 17  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

FIGURA 27 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 18  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.



– *Filho de Geraldo: Mario Teles: Hoje, é mais um orgulho que eu tenho de vir aqui e estar representando essa homenagem que eles estão fazendo para o meu pai.*



FIGURA 28 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 19  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

FIGURA 29 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 20  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

*Repórter em off: A entrada é de graça e a exposição fica disponível até o dia 29 de dezembro.*



FIGURA 30 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 21  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

FIGURA 31 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 22  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.



FIGURA 32 – Cultura *Jornal da Alterosa* – Frame 23  
Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

– *Visitante 2: A obra dele é maravilhosa. Então uma exposição do GTO não tem erro, não é?*



FIGURA 33 – *Cultura Jornal da Alterosa* – Frame 24    FIGURA 34 – *Cultura Jornal da Alterosa* – Frame 25  
 Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

–*Visitante 3: A exposição está realmente valendo a pena (risos)*



FIGURA 35 – *Cultura Jornal da Alterosa* – Frame 26    FIGURA 36 – *Cultura Jornal da Alterosa* – Frame 27  
 Fonte: *Jornal da Alterosa*, 2013.

## Análise

Existe um fluxo grande de imagens das obras, assim como na narrativa do *MG TV*, selecionamos algumas, marcadas por pausas na fala. A legenda de início da reportagem: “Escultor transforma madeira em arte” parece enfatizar o valor da arte popular. A reportagem começa com a voz em terceira pessoa e em *off* da repórter-narradora e uma música com flauta de fundo. A história da arte de GTO se inicia sendo contada de uma forma diferente, uma frase com moldes pouco usuais em um formato jornalístico de notícias factuais: “Na madeira bruta, um sonho entalhado.” Esse pequeno fragmento é ilustrado por imagens-chave em que são mostradas tomadas de algumas obras do artista. Um mosaico imagem-texto que evoca um efeito de ficção e a complementação do discurso verbal por ilustrações. As palavras, de cunho mais metafórico, são complementadas pelas esculturas de GTO, um valor poético que se incorpora à um discurso ecológico.

Em seguida, o discurso se mantém com um teor parecido: *Homens esculpidos com ferramentas simples, revelando a arte despreziosa que retrata o trabalho, as relações sociais e a fé.* A atenção é dada a figura humana como sendo central na arte de GTO, o

trabalho artesanal, com recursos simples. Sua obra é qualificada como “despretensiosa”. O que ela retrata são as relações sociais, a fé e o trabalho. Durante a fala, temos três imagens centrais. A primeira, de uma escultura que mostra um homem carregando algo, a segunda, um pouco mais difícil de identificar, com vários homens, e uma terceira que mostra três obras, duas em madeira de tamanho maior e uma esculpida em pedra sabão. Essas imagens possuem um pequeno valor de ancoragem na dimensão verbal do discurso, já que mostra algumas obras de GTO e alguns “homens esculpidos”. Mas o valor complementar é maior. São imagens de cunho indicial que trazem efeitos de realidade, pela presença da exposição e trazem comentários simbólicos. O efeito de ficção e mesmo o efeito patêmico (em consonância com a música de fundo) são mais fortes nessa sequência, pelo próprio formato mais metafórico do fragmento. Os *actantes* da sequência são “os homens esculpidos” (actante passivo) e “a arte despretensiosa” (actante ativo). A unidade de ação principal é a revelação dessa arte despretensiosa por meio desses homens esculpidos com ferramentas simples. A sequência que vem no prosseguir da fala da repórter é: “*Tudo feito pelas mãos humildes e precisas de Geraldo Teles de Oliveira, o GTO*”. É apresentado o artista, autor das obras. GTO é qualificado como artista de mãos “humildes” e “precisas”. Dois quadros de imagens-chave compõem a frase. Na primeira, uma obra de GTO focalizada em um plano bem próximo. A escultura tem as iniciais “GTO” gravadas na madeira. A segunda imagem é um retrato em preto e branco de GTO. As duas imagens se ancoram bem a dimensão verbal dessa parte do enunciado. O efeito de ficção é marcado pela fotografia antiga, de um artista que já faleceu, mas o efeito de realidade também está presente, pois são testemunhos do acontecimento da exposição. Os actantes são as obras (actante passivo secundário, feitas pelas mãos simples) e o Geraldo Teles de Oliveira, o GTO (actante ativo principal).

A reportagem continua com a passagem da repórter, o som da música de fundo diminui nesse momento. Sua filmagem é feita em plano americano, próxima a algumas obras e logo depois é feita uma aproximação até o plano médio, quando ela mostra uma obra avaliada em cem mil reais. A repórter está bem descontraída enquanto fala. GTO é identificado-qualificado como “escultor de Divinópolis”; “famoso na década de 1970” e, implicitamente, como autor de peças rústicas, muito elaboradas, que ganharam reconhecimento mundial. Ênfase dada para a sua cidade de nascimento e a época em que fez fama. O telespectador é situado sobre a localização na qual GTO fazia sua arte: o quintal de sua casa, remetendo-nos a um passado, um efeito de ficção do discurso. Para ilustrar o sucesso

do artista, a repórter aponta para uma obra avaliada em cem mil reais, em uma imagem indicial e ancorada com o que é dito verbalmente. O actante principal aqui é “o escultor”, uma outra identificação-qualificação dada a GTO (que ficou famoso), e “suas esculturas elaboradas” (que ganharam o mundo). O *Jornal da Alterosa* utiliza do recurso “Povo Fala”, no qual alguns indivíduos aleatórios que visitaram a exposição foram entrevistados para compor a narrativa. Logo após a passagem, é convocada a primeira voz marcada em discurso direto e a música é interrompida, dando atenção à perspectiva do visitante. O visitante não foi identificado. Ele fala em terceira pessoa a respeito de impressões sobre a arte de GTO, citando as figuras humanas e expressões culturais que são retratadas pelo artista, como “*índios, negros, brancos, reis e danças e lutas*” e em seguida aponta sua opinião: “*uma arte com identidade cultural e ao mesmo tempo universal*”. Seu dizer é ilustrado por uma obra de GTO em plano mais próximo e por sua própria imagem como fala. Imagens indiciais e um jogo de efeitos de real e ficção. O *actante* do discurso do visitante é “ele”, no caso, GTO (que coloca identidade cultural e universalidade em suas obras).

A repórter retoma a palavra, agora novamente em *off*, e a música retorna, mais baixa. Só agora, em fase de conclusão da matéria, é situado o local no qual ocorre a exposição (Centro de Arte de Cultura da Cemig) e quantidade de peças do artista (trinta). Nesse momento é enfatizado o caráter autodidata de GTO (“aprendeu a esculpir sozinho”). Também é dada atenção ao motivo da exposição: o fato de Geraldo Teles de Oliveira estar completando cem anos em 2013 se ainda estivesse vivo. Durante a fala, são mostradas várias esculturas de GTO, ancorando a informação da exposição de trinta peças e ao mesmo tempo fazendo uma série de complementos narrativos, pois o fluxo de imagens é rápido (simbolicamente as imagens trazem um tom de ilustração que compõe o enunciado verbal). São ao mesmo tempo, imagens testemunho da exposição, com efeitos de realidade.

Na sequência, a legenda da reportagem se modifica: “GTO estaria fazendo 100 anos”, o que enfatiza o fato do artista já ter falecido, causando um efeito patêmico. É evocada a voz em primeira pessoa (trazendo mais subjetividade ao relato) do filho de GTO, em discurso direto, sem música, com som ambiente: “*Hoje, é mais um orgulho que eu tenho de vir aqui e estar representando essa homenagem que eles estão fazendo para o meu pai*”. O ator social é identificado visualmente em plano americano e depois é aproximado em plano médio, ao fundo de algumas peças que estão expostas (imagens testemunhais). Ele é identificado na legenda como “Mário Teles” e qualificado como “filho de GTO”. O filho do artista expõe o

orgulho que tem de estar representando o pai na exposição que o homenageia. Seus gestos, sua expressão de orgulho e o ritmo de sua fala carregam efeitos patêmicos e também valores e imaginários da família unida, do valor de um pai. O *actante* é “eu”, no caso o filho de GTO, Mário Teles (que está representando o pai), agente principal do processo. A repórter volta a narrar, mais uma vez com o som de fundo da música mais baixo. Ela informa a data limite em que estará disponível a exposição e que ela é gratuita (29 de dezembro de 2013). Mais imagens das esculturas são focalizadas, repetindo o padrão de complemento da reportagem e o caráter testemunhal e ao mesmo tempo ilustrativo. Na questão actancial, temos como actante principal “a exposição” e o processo, o fato de ela estar disponível. A reportagem se encerra com a convocação de duas vozes em discurso direto, de visitantes não identificados, sem som de fundo. Os entrevistados são filmados em planos bem aproximados e estão com sorrisos nos rostos (a segunda entrevistada dessa sequência termina sua fala dando uma gargalhada.). As imagens dos entrevistados são intercaladas por imagens das peças presentes na exposição. A primeira entrevistada qualifica a obra de GTO (o actante principal na fala das duas) como “maravilhosa”, a segunda diz que a exposição “está valendo a pena”. Com o fim das falas, há a utilização do recurso de “sobe som” em que a música que estava no fundo aumenta o volume, terminando a matéria.

### **Comentários conclusivos**

O fluxo de imagens é intenso nas duas reportagens que sequenciam diversas tomadas das peças de GTO, com valor de ilustração, enquanto o repórter fala. A complementaridade das imagens está mais presente no *Jornal da Alterosa* que também usa discursos marcados de visitantes, a maioria descontraídos, inclusive o do filho do artista, diferentemente do *MG TV*. Alguns efeitos de ficção estão presentes, mas o efeito de realidade e as imagens testemunhais predominam. A diferença maior das narrativas da temática de “Cultura” é a forma como o *Jornal da Alterosa* utiliza um discurso mais patêmico, com algumas metáforas, qualificações de *actantes* mais subjetivas, mais carregado de imaginários e contando a história de GTO de um jeito mais aprofundado, o que aproxima o público. O *MG TV* é um pouco mais objetivo, até pelo tempo menor que foi dedicado à matéria.

O *MG TV* nos traz uma proposta de imagem mais objetiva do acontecimento, com uma quantidade menor de imagens, dando um caráter simbólico-subjetivo menor, as qualificações

dos personagens da cena são mais implícitas ou ditas por vozes testemunhais. O telejornal parece atuar de modo mais concreto a partir da visada de informação. O caráter indicial e a ancoragem são mais evidentes do que o do seu concorrente. *O Jornal da Alterosa*, por sua vez, opera por um modo mais próximo da visada de captação, se aproximando do povo. Descontração na reportagem de cultura, pessoas sorrindo, a questão performática e a mistura do entretenimento, o povo falando são alguns exemplos. Com uma quantidade de tomadas rápidas (o que sugere complementos imagéticos), o telejornal é intenso, veloz e dinâmico em seus relatos e utiliza de uma quantidade maior de efeitos patêmicos, por meio de suas imagens e por meio de algumas falas, que o seu concorrente. Por fim, sabemos da importância que é para nós, analistas do discurso, desconstruirmos esses objetos midiáticos e enxergarmos o que a princípio está em um terreno do invisível para apontarmos as identidades discursivas e as propostas de verdade permeadas pelas identidades midiáticas.

## Referências

- ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso – modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- JOST, François. **Introduction à l'analyse de la télévision**. Paris: Ellipses, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.
- MIRANDA, José A. Bragança de. O acontecimento como invenção necessária da história. **Trajectos**, n. 6, p. 113-121, 2005.
- MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, Sérgio (Org.). **O jornal – da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002, p. 49-83.
- VERÓN, Elíseo. **El cuerpo de las imágenes**. Buenos Aires: Norma, 2001.